

Carta do Gestor

Outubro 2026

SUMÁRIO

CENÁRIO ECONÔMICO:

BRASIL: O Banco Central detalhou os fundamentos que sustentaram a continuidade do ciclo de calibração da política monetária.

EUA: O Federal Reserve elevou a taxa de juros em 25 pb, para o intervalo de 3,75% a 4,00%.

EUROPA: Banco Central Europeu decidiu subir a taxa de juros em 25 pb para 2,50%, conforme esperado pelo mercado.

CHINA: Economia chinesa seguiu em desaceleração em agosto.

PROJEÇÕES:

Projeções da Bradesco Asset para os principais indicadores macroeconômicos.

RENTA FIXA:

O mês de setembro foi bastante positivo para os ativos de renda fixa local.

RENTA VARIÁVEL:

O mês de setembro foi marcado por forte divergência entre o comportamento dos mercados internacionais e o brasileiro.

MULTIMERCADO:

Retorno dos principais índices e desempenho dos fundos multimercado.

FUNDOS MULTIGESTORES:

Desempenho dos fundos espelhos



BRASIL

O Banco Central detalhou os fundamentos que sustentaram a continuidade do ciclo de calibração da política monetária. Na ata da última reunião do Copom, o Comitê avaliou que a atividade econômica mostra moderação, sobretudo em setores mais cíclicos, e que o crédito tem mostrado desaceleração, ainda que o mercado de trabalho siga apresentando rendimentos com crescimento superior ao da produtividade do trabalho. Em relação à inflação, foi destacada a queda tanto do índice cheio como das medidas subjacentes, nas leituras mais recentes de preços ao consumidor. No entanto, o Comitê monitora com atenção a desancoragem das expectativas, sobretudo nos prazos mais longos. Segundo o documento, os riscos para a inflação seguem mais elevados do que o usual e com assimetria altista. O Comitê avaliou que, ainda que haja evidências de transmissão da política monetária para a atividade, a inflação permanece pressionada pela demanda, exigindo que a taxa de juros permaneça em patamar restritivo para assegurar a convergência da inflação à meta. Na mesma linha, o Relatório de Política Monetária (RPM) trouxe projeções para a inflação próximas da meta no horizonte relevante, mesmo com hiato revisado ligeiramente para cima no curto prazo e expectativas mais elevadas. A projeção de inflação incorpora a hipótese de um El Niño forte, que pressiona a inflação no curto prazo, mas gera devolução relevante em 2028. Em nossa avaliação, o Comitê seguirá incorporando novas informações e acompanhando a evolução do cenário para determinar o nível de restrição adequada. Esperamos uma taxa de 13,25% ao final deste ano.

PIB teve crescimento de 0,5% na margem no 2º trimestre. Embora o resultado divulgado pelo IBGE tenha vindo pouco acima do esperado pelo mercado (0,4%),



BRASIL

representa desaceleração em relação ao crescimento de 1,1% do trimestre anterior. Além disso, as principais surpresas positivas em relação às projeções podem ser atribuídas a setores menos sensíveis à política monetária, como a agropecuária (2,8%) e a indústria extrativa mineral (3,4%). Nesse sentido, nossa medida de PIB cíclico avançou apenas 0,2% no período. Pela ótica da oferta, além do crescimento da agropecuária, houve avanço de 0,1% da indústria e de 0,2% de serviços, puxados por informação e comunicação (2,1%) e transportes (1,1%). Pela ótica da demanda, os resultados foram mistos. De um lado, o consumo das famílias teve queda de 0,4% na margem, revertendo parcialmente a alta anterior, enquanto o investimento teve crescimento de 1,2%. O setor externo teve contribuição líquida negativa para o PIB: as exportações recuaram 0,8% na margem, enquanto as importações avançaram 1,8%. Dessa forma, a composição do crescimento revela um quadro menos aquecido para a atividade, como reflexo, de um lado, do efeito acumulado da política monetária contracionista, e, de outro, do menor impacto dos estímulos de crédito. Assim, revisamos nossa projeção de PIB de 2026 de 2,0% para 1,9%.

O IPCA-15 acelerou para 0,70% em setembro, bem acima do esperado pelo mercado (0,55%). Após recuar 0,40% em agosto, boa parte da alta foi explicada pela devolução do Bônus de Itaipu nas contas de energia elétrica, que avançarem 7,42% na margem. Já a surpresa altista veio principalmente da inflação de serviços, notadamente de passagens aéreas e transporte por aplicativo. A alimentação no domicílio também surpreendeu para cima, voltando ao campo positivo após dois meses seguidos de deflação. Do ponto de vista qualitativo, os núcleos voltaram a



BRASIL

mostrar aceleração, interrompendo a trajetória de melhora recente. A média dos núcleos acelerou de 3,9% para 4,3% na média móvel trimestral dessazonalizada e anualizada, enquanto os serviços subjacentes passaram de 4,8% para 5,3% na mesma métrica. Em 12 meses, o indicador também acelerou, de 4,24% para 4,47%, voltando a se aproximar do limite superior da meta. Esperamos que esse movimento persista nos próximos meses, com o IPCA encerrando 2026 com alta de 5,1%.



EUA

O Federal Reserve elevou a taxa de juros em 25 pb, para o intervalo de 3,75% a 4,00%. A decisão foi unânime e retomou o ciclo de aperto monetário. No comunicado, o FOMC destacou que a atividade econômica continua crescendo em ritmo sólido, com consumo resiliente, forte crescimento da produtividade e investimentos robustos. Ao mesmo tempo, enfatizou que a inflação permanece elevada e afirmou que a ação adotada busca assegurar um retorno mais rápido da inflação à meta de 2%, reforçando o compromisso com a estabilidade de preços.

As projeções econômicas reforçaram a interpretação mais dura da decisão. A mediana para o núcleo do PCE em 2026 foi revisada de 3,3% para 3,4%, enquanto a projeção para 2028 subiu de 2,1% para 2,2%, sugerindo uma convergência mais lenta da inflação para a meta. A projeção de 2027 permaneceu em 2,5%. Em contrapartida, as estimativas de crescimento e mercado de trabalho melhoraram, com o PIB de 2026 passando de 2,2% para 2,3% e a taxa de desemprego recuando de 4,3% para 4,1%. Sobre a trajetória de juros, a mediana para os Fed Funds no fim de 2026 avançou de 3,8% para 4,1%, compatível com um novo aumento de 25 pb, enquanto as projeções para 2027 e 2028 também foram revisadas para cima, para 4,1% e 3,9%, respectivamente. A distribuição mostrou 16 dos 18 participantes projetando juros em 4,125% ou mais ao final de 2026, com apenas dois membros abaixo desse nível, reforçando a visão de juros mais altos por mais tempo.

Na coletiva de imprensa, Kevin Warsh, presidente do Fed, manteve um tom firme e reforçou que o combate à inflação permanece como prioridade do Federal Reserve. O presidente destacou que a autoridade monetária está focada no lado da estabilidade de preços do mandato, afirmando que as leituras recentes não indicam melhora significativa inflação subjacente.



EUA

Warsh novamente retirou o peso da sinalização futura, dando importância fundamental à evolução dos dados. Nesse contexto, chamou atenção a sua avaliação de que a decisão dessa reunião consistiu em retirar uma dose da acomodação monetária, sugerindo que a política ainda não é suficientemente restritiva diante do cenário inflacionário. Diante desse cenário, mantivemos a expectativa de uma nova alta de juros na reunião de dezembro, com risco assimétrico para a continuidade das altas.



EUROPA

Banco Central Europeu decidiu subir a taxa de juros em 25 pb para 2,50%, conforme esperado pelo mercado. O comunicado da decisão destacou que as pressões dos preços de energia seguem elevadas, o que pode levar a inflação ficar mais elevada por um período mais prolongado. Ao mesmo tempo, houve ajuste das projeções, com revisões para cima tanto do índice cheio dos preços ao consumidor como do núcleo, ficando acima da meta em 2028. Houve o reconhecimento da resiliência da atividade econômica, com taxas de crescimento mais elevadas para este e o próximo ano. A presidente da instituição, Christine Lagarde, na coletiva de imprensa, disse que o comitê não discutiu as próximas decisões e que seguirão pautados pela evolução dos dados e que as decisões serão tomadas a cada reunião. Ainda assim, as projeções atualizadas divulgadas pelo BCE, considerando principalmente o cenário base, apontam para pelo menos mais uma alta de juros, que deve chegar a 2,75% no final de 2026.

O Banco da Inglaterra manteve a taxa básica em 3,75%. 6 membros votaram a favor da manutenção, enquanto 3 optaram pela elevação de 25 pb. O comunicado adotou tom mais duro, destacando o aumento dos riscos altistas para a inflação e a maior resiliência da economia. O Comitê demonstrou preocupação com a persistência dos preços de energia e alimentos e com a possibilidade de efeitos de segunda ordem sobre salários e expectativas, indicando que não seria prudente esperar por evidências definitivas antes de agir. Mantidos os preços de energia elevados, esperamos altas de 25 pb em novembro de 2026 e fevereiro de 2027, levando a taxa básica a 4,25% neste ciclo de aperto monetário.



CHINA

Economia chinesa seguiu em desaceleração em agosto. A produção industrial avançou 5,2% ante o mesmo período do ano anterior. Com isso, nota-se alguma melhora da indústria em relação a julho, refletindo a retomada do processamento de petróleo e derivados. Por outro lado, os indicadores de demanda interna mantiveram tendência de moderação. As vendas no varejo avançaram 0,4%, abaixo do esperado e do verificado no mês anterior, e os investimentos em ativos fixos acumularam queda de 7,2% no ano. Essa moderação da economia, verificada desde meados do 2º trimestre, tem colocado em risco o cumprimento da meta de expansão entre 4,5 e 5,0% deste ano. Mesmo que as exportações continuem firmes, acreditamos que a política fiscal ganhará tração nesses últimos meses do ano para dar suporte ao consumo doméstico.

PIB

2026	2027
1,90%	1,20%

SELIC

2026	2027
13,25%	11,75%

IPCA

2026	2027
5,10%	4,50%

DÓLAR

2026	2027
5,05	5,10

As projeções expressas neste relatório são apenas indicativas e não são garantidas de forma alguma.

PERSPECTIVAS RENDA FIXA

O mês de setembro foi bastante positivo para os ativos de renda fixa local. Ainda assim, o cenário à frente continua desafiador, tanto por temas domésticos quanto globais, o que exige uma leitura cuidadosa dos riscos e disciplina na condução dos portfólios.

No exterior, a gestão de renda fixa acompanha com atenção duas frentes distintas. A primeira está na parte curta da curva de juros americana. O Federal Reserve voltou a subir juros, mostrando impaciência com a trajetória da inflação, e iniciou um novo ciclo de aperto monetário. A segunda frente, que piorou de forma significativa nos últimos meses, é a alta dos juros longos em escala global. As taxas mais longas de economias desenvolvidas, como Estados Unidos, Japão e Alemanha, chegaram a patamares que não eram vistos há muito tempo. A Treasury de 30 anos, por exemplo, superou o patamar de 5,60% ao ano. Esse movimento reflete uma tendência que ganhou força após a pandemia. De um lado, os governos estão mais endividados depois de uma forte expansão fiscal. De outro, a inflação segue acima das metas na maior parte do mundo desenvolvido há mais de cinco anos. O resultado é uma exigência de prêmio de prazo mais elevado por parte dos investidores.

No Brasil, a dinâmica eleitoral continua ditando os preços dos ativos. Acreditamos que esse ambiente deve prevalecer nas próximas semanas, ao longo de outubro, o que exige cautela na gestão das estratégias de renda fixa.

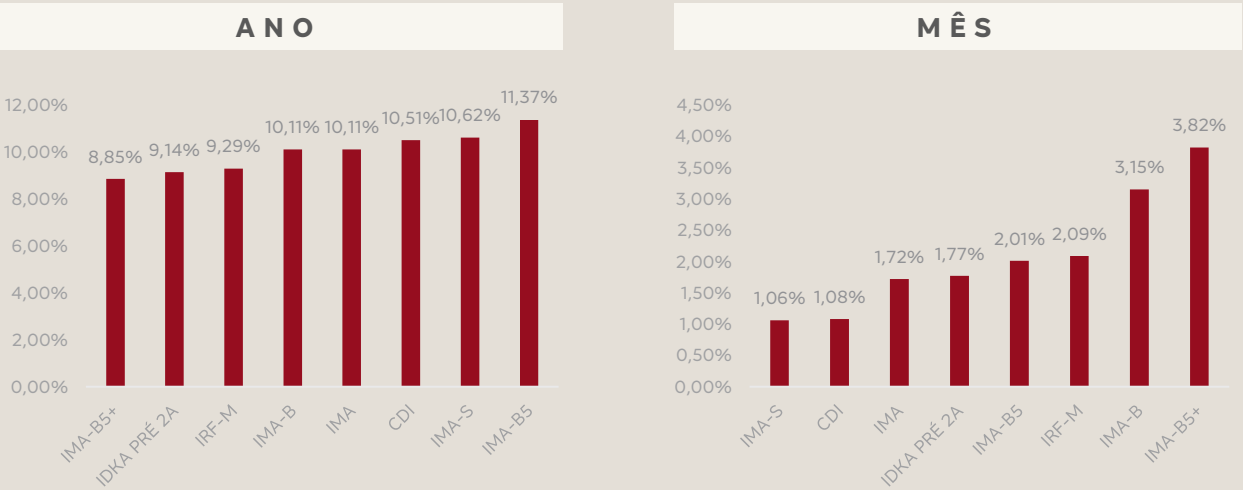
Além do cenário eleitoral, o bom desempenho da renda fixa no mês também se apoiou em fatores macroeconômicos domésticos. A expectativa de uma desaceleração mais branda da atividade abre espaço para que o Banco Central conduza o ciclo de cortes de juros de forma ininterrupta. Em nosso cenário base, a Selic termina 2027 em 11,75% ao ano. A atividade mais fraca prevista para o próximo ano, associada à desaceleração na concessão de crédito e à não renovação de programas sociais, vinculado a um elevado patamar de juros que observamos atualmente na economia, devem ser os principais vetores para o ciclo de queda de

juros pela frente. Esse efeito deve aparecer sobretudo nos vértices curtos e intermediários, que hoje concentram nossa principal tese de investimento.

Olhando à frente, o principal ponto de atenção está na trajetória fiscal de 2027. Independentemente do resultado das eleições de outubro, o mercado deve cobrar do próximo governo algum grau de ajuste fiscal. Em nossa avaliação, um ajuste apenas mínimo tende a manter pressões inflacionárias crescentes, com câmbio mais depreciado, atividade mais fraca e relação entre Dívida Bruta do Governo Geral e PIB caminhando para perto de 100%. Nesse caso, as curvas de juros podem voltar a ser pressionadas, principalmente nos vértices mais longos, tanto na parte prefixada quanto na parte atrelada à inflação. Por outro lado, um ajuste fiscal mais amplo abriria uma avenida mais clara para o fechamento dos juros, em um ambiente com expectativas de inflação mais ancoradas no médio e longo prazo e uma dinâmica mais favorável da relação dívida/PIB.

Esse conjunto de cenários, com desfechos bastante diferentes entre si, reforça a importância da gestão ativa. Em um ambiente de alta volatilidade, a atuação ativa permite ajustar as estratégias, o nível e a composição dos riscos nas carteiras conforme as assimetrias surgem, capturando oportunidades e protegendo os portfólios. Tudo isso sempre dentro do mandato de cada um dos produtos de renda fixa da Bradesco Asset.

RENTABILIDADE DOS PRINCIPAIS BENCHMARKS DE RENDA FIXA



DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Corporativo IE (28.515.917/0001-48)

Em setembro, o mercado de crédito privado apresentou, de forma geral, uma acomodação dos spreads e desempenho próximos às taxas de carregio do período, tanto em letras financeiras quanto em debêntures tradicionais. Apesar de uma melhora marginal no volume de ofertas primárias, a captação permanece concentrada nos fundos mais conservadores, contribuindo para a manutenção dos spreads em níveis relativamente estáveis.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno. O Fundo de Crédito Privado Inflação, que tem como objetivo superar o índice da Anbima de papéis atrelados à inflação de curto prazo, o IMA-B 5, registrou um mês positivo, próximo do índice de referência. Em torno da parcela de crédito, a maior contribuição foi vinculada aos ativos bancários, principalmente da parcela de Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de bancos grandes, como Bradesco, BTG, ABC. Destaque também para a parcela de ativos corporativos, como Randon, Copasa (CSMG), Cagece e Localiza, além da parcela alocada em FIDCs.

Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 78,6% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos e estruturados.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Privado Inflação (44.315.854/0001-32)

Em setembro, o mercado de crédito privado apresentou, de forma geral, uma acomodação dos spreads e desempenho próximos às taxas de carregamento do período, tanto em letras financeiras quanto em debêntures tradicionais. Apesar de uma melhora marginal no volume de ofertas primárias, a captação permanece concentrada nos fundos mais conservadores, contribuindo para a manutenção dos spreads em níveis relativamente estáveis. Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno.

O Fundo de Crédito Privado Inflação, que tem como objetivo superar o índice da Anbima de papéis atrelados à inflação de curto prazo, o IMA-B 5, registrou um mês positivo, próximo do índice de referência. Em torno da parcela de crédito, a maior contribuição foi vinculada aos ativos bancários, principalmente da parcela de Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de bancos grandes, como Bradesco, BTG, ABC. Destaque também para a parcela de ativos corporativos, como Randon, Copasa (CSMG), Cagece e Localiza, além da parcela alocada em FIDCs. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 78,6% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos e estruturados.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Privado Performance 22 (20.216.336/0001-01)

Em setembro, o mercado de crédito privado apresentou, de forma geral, uma acomodação dos spreads e desempenho próximos às taxas de carregio do período, tanto em letras financeiras quanto em debêntures tradicionais. Apesar de uma melhora marginal no volume de ofertas primárias, a captação permanece concentrada nos fundos mais conservadores, contribuindo para a manutenção dos spreads em níveis relativamente estáveis. Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno. O resultado da estratégia do fundo foi positivo e acima do CDI no mês.

A maior contribuição de crédito foi vinculada aos ativos bancários, entre elas as Letras Financeiras Perpétuas e Subordinadas do Bradesco, BTG e Santander. No mercado corporativo, os principais destaques foram Boticário, Transportadora Associada de Gás (TAG) e Rede D'Or. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 78,4% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Privado Plus (32.387.924/0001-89)

Em setembro, o mercado de crédito privado apresentou, de forma geral, uma acomodação dos spreads e desempenho próximos às taxas de carregamento do período, tanto em letras financeiras quanto em debêntures tradicionais. Apesar de uma melhora marginal no volume de ofertas primárias, a captação permanece concentrada nos fundos mais conservadores, contribuindo para a manutenção dos spreads em níveis relativamente estáveis. Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno. O resultado da estratégia do fundo foi positivo e acima do CDI no mês.

A maior contribuição de crédito foi vinculada aos ativos bancários, entre elas as Letras Financeiras Perpétuas e Subordinadas do Bradesco, BTG e Santander. No mercado corporativo, os principais destaques foram Boticário, Transportadora Associada de Gás (TAG) e Rede D'Or. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 78,4% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Crédito Privado Ultra (37.532.786/0001-06)

Em setembro, o mercado de crédito privado apresentou, de forma geral, uma acomodação dos spreads e desempenho próximos às taxas de carregio do período, tanto em letras financeiras quanto em debêntures tradicionais. Apesar de uma melhora marginal no volume de ofertas primárias, a captação permanece concentrada nos fundos mais conservadores, contribuindo para a manutenção dos spreads em níveis relativamente estáveis. Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno.

O fundo Crédito Privado Ultra, que se distingue por uma estratégia mais concentrada em crédito privado e com maior flexibilidade na alocação, registrou um desempenho positivo e acima do CDI no mês. A maior contribuição foi vinculada aos ativos bancários, principalmente da parcela de Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de bancos grandes. Destaque também para a parcela de ativos corporativos, como Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA), Companhia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE) e Randon, além da parcela alocada em FIDCs. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 84,6% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos e estruturados.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Debêntures Incentivadas CDI (32.388.012/0001-21)

Em setembro, o mercado de crédito privado apresentou, de forma geral, uma acomodação dos spreads e desempenho próximos às taxas de carregamento do período, tanto em letras financeiras quanto em debêntures tradicionais. Apesar de uma melhora marginal no volume de ofertas primárias, a captação permanece concentrada nos fundos mais conservadores, contribuindo para a manutenção dos spreads em níveis relativamente estáveis. Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno.

Debêntures Incentivadas CDI II (54.829.603/0001-20)

O Fundo de Debêntures Incentivadas CDI II, que adota uma estratégia específica de crédito privado para fomentar a infraestrutura no Brasil e oferece incentivo fiscal em CDI para o investidor pessoa física, apresentou um desempenho negativo no mês. Na parcela de crédito, a contribuição positiva do portfólio veio de Ecovias, Itapoá Terminais Portuários, Concessionária Automotiva Raposo Tavares e Transportadora Associada de Gás (TAG). Por outro lado, empresas como Ferroban, Saneamento Rio 4, COELBA e Metrôrio apresentaram performance negativa no mês. No segmento de infraestrutura, setembro foi marcado pela abertura mais expressiva dos spreads dos ativos, refletindo uma dinâmica específica desse segmento no crédito privado.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Esse movimento ocorreu mesmo na ausência de eventos relevantes, sendo explicado principalmente pelo aumento dos resgates líquidos na classe e pela reprecificação gradual dos ativos. Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Nessa linha, os principais ativos da carteira são COPEL, Eneva, Rodovia Sul e COELBA. Atualmente o fundo encontra-se com a concentração aproximada de 77,1% de crédito na carteira.

Debêntures Incentivadas Inflação (44.315.861/0001-34)

O Fundo de Debêntures Incentivadas Inflação, que adota uma estratégia específica de crédito privado para fomentar a infraestrutura no Brasil e oferece incentivo fiscal em IPCA+ para o investidor pessoa física, apresentou um desempenho negativo no mês. Na parcela de crédito, a maior contribuição para o portfólio veio de Cemig, AES Brasil, Rodovias Interior de SP e Energisa Rondônia. Por outro lado, empresas como COELBA, MetrôRio, Brasil Tecnologia e Participações apresentaram performance negativa no mês. No segmento de infraestrutura, setembro foi marcado pela abertura mais expressiva dos spreads dos ativos, refletindo uma dinâmica específica desse segmento no crédito privado. Esse movimento ocorreu mesmo na ausência de eventos relevantes, sendo explicado principalmente pelo aumento dos resgates líquidos na classe e pela reprecificação gradual dos ativos.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Nessa linha, os principais ativos da carteira são COELBA, ENEVA, Rodovia Sul MT e CEEE. Atualmente o fundo encontra-se com a concentração aproximada de 84,5% de crédito na carteira.

Debêntures Incentivadas Inflação II (54.853.464/0001-70)

O Fundo de Debêntures Incentivadas Inflação II, que adota uma estratégia específica de crédito privado para fomentar a infraestrutura no Brasil e oferece incentivo fiscal em IPCA+ para o investidor pessoa física, apresentou um desempenho negativo no mês. Na parcela de crédito, a maior contribuição para o portfólio veio de Cemig, AES Brasil, Rodovias Interior de SP e Energisa Rondônia. Por outro lado, empresas como COELBA, MetrôRio, Brasil Tecnologia e Participações apresentaram performance negativa no mês. No segmento de infraestrutura, setembro foi marcado pela abertura mais expressiva dos spreads dos ativos, refletindo uma dinâmica específica desse segmento no crédito privado. Esse movimento ocorreu mesmo na ausência de eventos relevantes, sendo explicado principalmente pelo aumento dos resgates líquidos na classe e pela reprecificação gradual dos ativos.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Nessa linha, os principais ativos da carteira são COELBA, ENEVA, Rodovia Sul MT e CEEE. Atualmente o fundo encontra-se com a concentração aproximada de 84,5% de crédito na carteira.

DI Premium (03.399.411/0001-90)

Em setembro, o mercado de crédito privado apresentou, de forma geral, uma acomodação dos spreads e desempenho próximos às taxas de carregio do período, tanto em letras financeiras quanto em debêntures tradicionais. Apesar de uma melhora marginal no volume de ofertas primárias, a captação permanece concentrada nos fundos mais conservadores, contribuindo para a manutenção dos spreads em níveis relativamente estáveis. Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno. Nesse cenário, o fundo Referenciado DI Premium alcançou um resultado em linha ao CDI no mês.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Dentro da carteira de títulos privados, tivemos contribuições positivas principalmente da parcela de ativos bancários, com destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Bradesco e Santander, além dos papéis corporativos de Autoban, Cielo, Elektro e Nova Transportadora Sudeste (NTS). O foco da estratégia é manter uma alocação maior em ativos bancários em comparação aos corporativos, proporcionando um equilíbrio entre excelentes taxas, qualidade e liquidez, ao mesmo tempo em que preserva a natureza conservadora do fundo. Seguimos, com maior cautela, à procura de boas oportunidades no mercado primário e secundário, a fim de incorporar a carteira de crédito, que hoje representa aproximadamente 44,3% do portfólio.

Dívida Externa Crédito Soberano (74.326.471/0001-20)

No mercado offshore, mês de estabilidade em relação aos spreads, porém de performance fraca devido ao movimento de abertura de juros US. O CDS Brasil, por sua vez, operou estável ao longo do mês. Historicamente as férias de verão no hemisfério norte deixam os meses de julho e agosto com liquidez mais baixa. Não esperamos grandes movimentos nesse próximo mês, mas o mercado deve colocar mais peso para as questões eleitorais no segundo semestre. O fundo com exposição a ativos corporativos brasileiros emitidos no exterior obteve desempenho positivo no mês.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Inflação Curta (32.742.742/0001-89)

O IMA-B5 apresentou desempenho positivo em setembro, apoiado pelo carregamento elevado e pelo fechamento das taxas reais de curto e médio prazo. A menor duration limitou a sensibilidade às oscilações dos vértices longos e conferiu maior estabilidade ao índice. O segmento continuou combinando proteção inflacionária com menor exposição à volatilidade de marcação a mercado.

Inflação Longa (13.400.050/0001-08)

Os títulos indexados à inflação avançaram em setembro, beneficiados pelo carregamento e pelo fechamento das taxas reais, sobretudo nos vértices intermediários e longos. A continuidade da flexibilização monetária e a percepção de inflação corrente mais controlada favoreceram a marcação a mercado. O movimento, entretanto, permaneceu condicionado aos prêmios fiscais e eleitorais incorporados à curva de longo prazo.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Max DI (32.312.124/0001-07)

Em setembro, o mercado de crédito privado apresentou, de forma geral, uma acomodação dos spreads e desempenho próximos às taxas de carregio do período, tanto em letras financeiras quanto em debêntures tradicionais. Apesar de uma melhora marginal no volume de ofertas primárias, a captação permanece concentrada nos fundos mais conservadores, contribuindo para a manutenção dos spreads em níveis relativamente estáveis. Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno. Neste cenário, o fundo Referenciado DI apresentou um resultado positivo e acima do CDI no mês.

Dentro da carteira de títulos privados, tivemos contribuições positivas principalmente da parcela de ativos bancários, com destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Itaú, Bradesco e BTG, além dos papéis corporativos de EDP Energia, Boticário, Claro e Transportadora Associada de Gás (TAG). O foco da estratégia é manter uma alocação maior em ativos bancários em comparação aos corporativos, proporcionando um equilíbrio entre taxas, qualidade e liquidez, ao mesmo tempo em que preserva a natureza conservadora do fundo. Continuamos buscando oportunidades de crédito, seja do mercado primário ou secundário, com a alocação em aproximadamente 44,1% do portfólio.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Multi-índices Max (32.743.313/0001-26)

Setembro foi mais um mês positivo para os fundos de renda fixa, que mais uma vez entregaram resultados consistentes mesmo em um cenário ainda desafiador. O desempenho foi sustentado principalmente por fundamentos domésticos favoráveis, com a expectativa de uma desaceleração mais branda da atividade abrindo espaço para que o Banco Central conduza o ciclo de cortes de juros de forma ininterrupta, levando a Selic a 11,75% ao final de 2027 em nosso cenário base. Esse quadro positivo se manteve mesmo diante de um ambiente externo mais pressionado, com o Federal Reserve retomando o ciclo de alta de juros e as taxas longas das economias desenvolvidas atingindo patamares que não eram vistos há muito tempo. Nossa principal tese de investimento segue ancorada na desaceleração da atividade e em um processo estrutural de queda de juros.

Essa tese está refletida em posições aplicadas nos vértices curtos e intermediários da curva de juros nominais e em opções digitais de Copom, estruturadas para gerar ganhos tanto em um cenário de corte de 25 pontos-base, que está alinhado ao call da nossa equipe macro, quanto em um cenário de estabilidade dos juros. Na parcela de juros reais, mantemos posições aplicadas com foco nas NTN-Bs 2032, 2035 e 2050, que se beneficiam de um eventual fechamento da curva e de um carregamento inflacionário mais atrativo nos próximos meses. Diante da proximidade do calendário eleitoral e do potencial aumento de volatilidade, seguimos com um portfólio de risco reduzido, preservando a capacidade de capturar oportunidades com disciplina.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Novo Executivo (12.092.501/0001-24)

Em setembro, o mercado de crédito privado apresentou, de forma geral, uma acomodação dos spreads e desempenho próximos às taxas de carregio do período, tanto em letras financeiras quanto em debêntures tradicionais. Apesar de uma melhora marginal no volume de ofertas primárias, a captação permanece concentrada nos fundos mais conservadores, contribuindo para a manutenção dos spreads em níveis relativamente estáveis. Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno. O fundo com estratégia dedicada ao crédito privado obteve resultado em linha ao CDI no mês.

Dentro da carteira de títulos privados, tivemos contribuições positivas principalmente da parcela de ativos bancários, com destaque para as Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de grandes bancos, como Safra, Bradesco e Banco do Brasil, além dos papéis corporativos de Cielo, Boticário e Transportadora Associada de Gás (TAG). O foco da estratégia é manter uma alocação maior em ativos bancários em comparação aos corporativos, proporcionando um equilíbrio entre excelentes taxas, qualidade e liquidez, ao mesmo tempo em que preserva a natureza conservadora do fundo. O total de crédito privado representa aproximadamente 60,6% do portfólio.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Performance SRI (12.088.861/0001-52)

Em setembro, o mercado de crédito privado apresentou, de forma geral, uma acomodação dos spreads e desempenho próximos às taxas de carregio do período, tanto em letras financeiras quanto em debêntures tradicionais. Apesar de uma melhora marginal no volume de ofertas primárias, a captação permanece concentrada nos fundos mais conservadores, contribuindo para a manutenção dos spreads em níveis relativamente estáveis. Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno.

O fundo Crédito Privado Performance SRI, que se dedica a investir em empresas com responsabilidade social, adquire atualmente cotas do fundo Sustentabilidade, que segue a mesma estratégia, e registrou um desempenho em linha ao CDI no mês. A maior contribuição foi vinculada aos ativos bancários, principalmente da parcela de Letras Financeiras Subordinadas e Perpétuas de bancos grandes. Destaque também para a parcela de ativos corporativos, como Energisa, Randon, Hapvida, Tots e Elektro Redes, além da parcela alocada em FIDCs. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 40,1% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos e estruturados.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Prefixado Curto (07.364.099/0001-50)

O IRF-M apresentou desempenho positivo em setembro, refletindo o carregamento dos títulos prefixados e o fechamento parcial da curva nominal. A continuidade do ciclo de cortes da Selic favoreceu os vencimentos intermediários, enquanto os prêmios fiscais, eleitorais e externos limitaram uma compressão mais intensa na ponta longa. O índice capturou tanto o retorno corrente quanto ganhos de marcação a mercado.

Prefixado Longo (32.388.052/0001-73)

O IRF-M1+ avançou em setembro, beneficiado pelo fechamento das taxas prefixadas e pela continuidade da flexibilização monetária. A maior duration em relação ao IRF-M1 ampliou a contribuição da marcação a mercado, embora a persistência de prêmios nos vértices longos tenha moderado o movimento. O desempenho refletiu uma combinação mais equilibrada entre carregamento e ganho de curva.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA FIXA

Solaro Crédito Privado (49.647.466/0001-72)

Em setembro, o mercado de crédito privado apresentou, de forma geral, uma acomodação dos spreads e desempenho próximos às taxas de carregamento do período, tanto em letras financeiras quanto em debêntures tradicionais. Apesar de uma melhora marginal no volume de ofertas primárias, a captação permanece concentrada nos fundos mais conservadores, contribuindo para a manutenção dos spreads em níveis relativamente estáveis. Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno.

O fundo Rating 90, que se dedica a estratégias de crédito privado mais concentradas, registrou um desempenho positivo e acima do CDI no mês. A maior contribuição de crédito foi vinculada aos ativos bancários, entre elas as Letras Financeiras Perpétuas e Subordinadas do Bradesco e Itaú. No mercado corporativo, os principais destaques foram Mills, Copasa (CSMG), Auren e Cemig. Seguimos monitorando operações tanto no mercado primário, quanto no secundário, com um nível de diligência bastante elevado. Atualmente, o fundo encontra-se com a concentração de 79,3% de crédito, com uma carteira mais concentrada em papéis corporativos.

PERSPECTIVAS RENDA VARIÁVEL

O mês de setembro foi marcado por forte divergência entre o comportamento dos mercados internacionais e o brasileiro. No exterior, a abertura das curvas de juros, a alta do petróleo e a persistência das pressões inflacionárias afetaram negativamente a maior parte das bolsas.

Nos Estados Unidos, o desempenho positivo dos principais índices mascarou uma deterioração mais ampla do mercado. A valorização concentrada nas empresas de tecnologia compensou a fraqueza observada nos demais setores. O ciclo de investimentos em inteligência artificial continuou impulsionando receitas e lucros das companhias expostas ao tema, mas passou também a competir por capital com outros segmentos da economia.

O choque de energia voltou a ocupar posição central no cenário global. A intensificação das tensões no Oriente Médio levou o petróleo a níveis mais elevados ao longo do mês, aumentando as preocupações com inflação, margens corporativas e política monetária. O principal gargalo permaneceu concentrado no mercado de diesel e na capacidade de refino, que não depende apenas do oriente médio. Esse ambiente favoreceu as empresas produtoras de petróleo, mas ampliou a pressão sobre setores mais dependentes de energia e sobre economias importadoras de combustíveis.

No Brasil, o Ibovespa apresentou forte valorização e voltou a se destacar positivamente em relação aos mercados globais. O movimento foi impulsionado pela combinação de inflação corrente mais benigna, continuidade do ciclo de redução da Selic e melhora da percepção dos investidores em relação às perspectivas eleitoral e fiscal para 2027. A queda das taxas de juros domésticas beneficiou principalmente as empresas voltadas ao mercado interno, enquanto o real apresentou desempenho superior ao de outras moedas emergentes.

A rotação setorial favoreceu os segmentos mais sensíveis à redução dos juros, que haviam sido os mais penalizados nos últimos anos. Em contrapartida, o setor de mineração registrou pior desempenho, refletindo as incertezas em relação ao ritmo

de crescimento da economia chinesa e a menor atratividade relativa diante da recuperação dos ativos domésticos. A elevada dispersão entre os retornos setoriais reforçou a importância da seleção individual de empresas, especialmente em um contexto no qual a atividade econômica começa a apresentar sinais de desaceleração e o ambiente operacional permanece desafiador para parte dos setores ligados ao consumo.

Seguimos com uma visão construtiva para a renda variável brasileira. A proximidade do processo eleitoral de 2026 e a definição das expectativas para a condução da política econômica em 2027 passaram a ocupar posição central na formação dos preços dos ativos domésticos. Mesmo após a forte valorização observada no início de outubro, continuamos identificando oportunidades em boas companhias.

A evolução dos preços dos ativos nos próximos meses dependerá, em grande medida, do comportamento das expectativas eleitorais, da credibilidade do ajuste fiscal, da trajetória da inflação e do ambiente de juros globais. A continuidade da valorização do mercado exigirá, cada vez mais, a transformação das expectativas positivas em medidas econômicas concretas e em uma melhora gradual dos resultados corporativos.

Nos fundos, seguimos priorizando empresas de qualidade, com balanços sólidos, forte geração de caixa e potencial de captura dos benefícios decorrentes de uma melhora do ambiente fiscal. Mantivemos exposição a companhias domésticas que combinam sensibilidade à queda dos juros com qualidade de execução, sem depender exclusivamente de expansão de múltiplos para sustentar retornos.

Também preservamos posições relevantes no setor de utilities, que, em nossa avaliação, apresenta uma combinação atrativa de previsibilidade de resultados, baixa sensibilidade ao ciclo econômico e potencial de valorização em um cenário de redução das taxas de juros de longo prazo. Por outro lado, permanecemos com exposição reduzida a commodities, uma vez que entendemos que a assimetria entre risco e retorno continua pouco favorável.

PERSPECTIVAS RENDA VARIÁVEL

Após a expressiva alta observada no início de outubro, acreditamos que a disciplina na seleção de empresas torna-se ainda mais importante. Em nossa visão, o desafio passa a ser diferenciar os movimentos de curto prazo impulsionados pelo cenário macroeconômico da geração sustentável de valor, mantendo o foco em negócios de qualidade e em ações que continuem oferecendo retornos atrativos.

RENTABILIDADE DOS PRINCIPAIS BENCHMARKS DE RENDA VARIÁVEL

	MÊS	ANO	12 MESES	24 MESES	36 MESES
S&P 500 USD	-0,45%	11,77%	14,40%	32,78%	78,44%
MSCI WORLD USD	-1,31%	10,66%	13,84%	31,68%	71,83%
IDIV	4,45%	13,20%	23,10%	37,44%	64,21%
IBOVESPA	5,03%	15,65%	27,42%	41,36%	59,86%
SMALL CAPS	5,23%	-1,61%	1,01%	11,67%	7,48%
IBRX100	4,86%	15,50%	27,00%	40,90%	59,97%

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

BDR Nível I Ações (13.401.224/0001-57)

A estratégia BDR teve retorno positivo e acima do S&P 500 em setembro. Destaque positivo para seletividade da estratégia e negativo para desvalorização das ações, e devalorização do Dólar em relação ao Real. O mês foi marcado por um ambiente de maior cautela nos mercados globais, refletindo os riscos geopolíticos elevados, especialmente relacionados aos conflitos no Oriente Médio e seus potenciais impactos sobre os preços de energia, além de um cenário de inflação e juros ainda pressionados. Esse contexto manteve a volatilidade elevada e reduziu a visibilidade para os ativos de risco. Por outro lado, os setores de tecnologia e comunicação voltaram a se destacar, impulsionados pelo avanço contínuo dos temas ligados à inteligência artificial. Empresas da cadeia de semicondutores e a Meta estiveram entre os principais destaques positivos do período. Diante desse cenário, mantivemos uma postura neutra em termos de alocação e risco ativo, preservando flexibilidade em um ambiente de alta volatilidade e baixa visibilidade.

Bolsa Americana (18.959.094/0001-96)

O S&P 500 teve retorno negativo em setembro, porém a estratégia teve retorno positivo. O mês foi marcado por um ambiente de maior cautela nos mercados globais, refletindo os riscos geopolíticos elevados, especialmente relacionados aos conflitos no Oriente Médio e seus potenciais impactos sobre os preços de energia, além de um cenário de inflação e juros ainda pressionados. Esse contexto manteve a volatilidade elevada e reduziu a visibilidade para os ativos de risco. Por outro lado, os setores de tecnologia e comunicação voltaram a se destacar, impulsionados pelo avanço contínuo dos temas ligados à inteligência artificial. Empresas da cadeia de semicondutores e a Meta estiveram entre os principais destaques positivos do período. Diante desse cenário, mantivemos uma postura neutra em termos de alocação e risco ativo, preservando flexibilidade em um ambiente de alta volatilidade e baixa visibilidade.

Cedro Long Biased IQ (36.521.777/0001-49)

A estratégia Cedro teve desempenho positivo e acima do Ibovespa em setembro. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Bancos, Utilidades Públicas e Logística, Transportes & Infraestrutura. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Mineração & Siderurgia, Imobiliário e Varejo. Aumentamos a exposição em Utilidades Públicas, Logística, Transportes & Infraestrutura e Imobiliário, reduzindo em Serviços Financeiros, Energia e Bancos. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Bancos e Energia. Estamos com exposição comprada no Brasil e no Exterior.

China Ações IE (39.151.551/0001-91)

O Bradesco China apresentou um retorno nominal negativo, mas acima de seu benchmark durante o mês. Em setembro, o mercado global apresentou elevada volatilidade, refletindo a continuidade das tensões geopolíticas e uma maior preocupação com a trajetória da inflação. Nos Estados Unidos, a persistência das pressões inflacionárias levou o Federal Reserve a elevar novamente os juros, provocando forte abertura das taxas das Treasuries ao longo da curva. As bolsas apresentaram desempenho misto, com o S&P 500 encerrando o mês em leve queda, enquanto as grandes empresas de tecnologia tiveram desempenho mais resiliente e sustentaram os principais índices, em contraste com a fraqueza observada nos demais setores.

O petróleo avançou de forma relevante, ainda impactado pelo conflito com o Irã e pelas preocupações com a oferta global, enquanto o ouro recuou diante da alta dos juros e do fortalecimento do dólar. Os mercados emergentes também apresentaram desempenho negativo no período. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o JPM China A, enquanto o que menos contribuiu foi o fundo Aberdeen China.

Equity Hedge Multimercado (38.376.759/0001-46)

A estratégia Equity Hedge teve desempenho positivo e acima do CDI em setembro. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Logística, Transportes & Infraestrutura, Tecnologia, Mídia & Telecom e Utilidades Públicas. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Varejo, Imobiliário e Saúde. Aumentamos a exposição em Utilidades Públicas, Mineração & Siderurgia e Tecnologia, Mídia & Telecom, reduzindo em Serviços Financeiros, Energia e Bancos. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Tecnologia, Mídia & Telecom e Logística, Transportes & Infraestrutura. Estamos com exposição comprada em Brasil e no Exterior.

Estratégia Crescimento (34.123.529/0001-14)

A estratégia Sequoia teve desempenho positivo e acima do Ibovespa em setembro. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Logística, Transportes & Infraestrutura, Utilidades Públicas e Varejo. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Consumo, Papel, Celulose & Madeira e Bens de Capital & Serviços. Aumentamos a exposição em Imobiliário, Logística, Transportes & Infraestrutura e Varejo, reduzindo em Bancos, Energia e Mineração & Siderurgia. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Imobiliário, Utilidades Públicas e Logística, Transportes & Infraestrutura.

Estratégia Dividendos (32.312.071/0001-16)

A estratégia Centurion Dividendos teve desempenho positivo e acima do Ibovespa em setembro. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Energia, Bancos e Utilidades Públicas. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Consumo, Mineração & Siderurgia e Saúde. Aumentamos a exposição em Imobiliário, Logística, Transportes & Infraestrutura e Serviços Financeiros, reduzindo em Bancos, Bens de Capital & Serviços e Mineração & Siderurgia. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Energia e Bancos.

Estratégia Ibovespa Ativo (26.315.539/0001-23)

A estratégia Aspen teve desempenho positivo e acima do Ibovespa em setembro. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Bancos, Utilidades Públicas e Energia. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Mineração & Siderurgia, Consumo e Papel, Celulose & Madeira. Aumentamos a exposição em Utilidades Públicas, Serviços Financeiros e Bancos, reduzindo em Mineração & Siderurgia, Energia e Tecnologia, Mídia & Telecom. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Utilidades Públicas, Bancos e Energia.

Estratégia Small Caps (32.387.983/0001-57)

A estratégia Figueira Small Caps teve desempenho positivo, porém abaixo do índice SMLL em setembro. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Varejo, Logística, Transportes & Infraestrutura e Saúde. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Consumo, Energia e Bens de Capital & Serviços. Aumentamos a exposição em Saúde, Educação e Consumo, reduzindo em Bens de Capital & Serviços, Mineração & Siderurgia e Serviços Financeiros. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Imobiliário, Utilidades Públicas e Varejo.

Europa Ações (18.079.081/0001-22)

A estratégia Bradesco Europa teve retorno negativo em setembro. Os destaques negativos foram a desvalorização das ações europeias e do euro frente ao real. O mês foi marcado por um aumento da aversão ao risco nos mercados globais, levando os investidores a reavaliarem expectativas para crescimento e lucros corporativos. Na Europa, o ambiente permaneceu apoiado pelas perspectivas de expansão dos investimentos em defesa e infraestrutura, mas a combinação de maior volatilidade global e realização de lucros pressionou os ativos da região ao longo do período.

Explorer Horizon (44.704.993/0001-58)

O Bradesco Explorer Horizon apresentou um retorno nominal positivo, mas abaixo de seu benchmark durante o mês. Setembro foi marcado pela abertura das curvas de juros globais, diante da resiliência da economia americana, inflação persistente e tensões geopolíticas com pressão sobre o petróleo. O Federal Reserve elevou os juros em 25bps, como esperado, e manteve um tom mais hawkish. No Brasil, o Ibovespa fechou em alta, beneficiado principalmente pela melhora na percepção eleitoral, mas piorando nas últimas semanas por conta do cenário externo e oscilações das pesquisas. O Copom reduziu a Selic em 25bps, para 13,75%. No mercado de crédito privado, os spreads apresentaram ligeira abertura de forma geral, mas sem eventos de crédito. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês.

O maior destaque entre os investidos foi o Radar STB Ações, enquanto o que mais detraiu performance foi o fundo Atmos.

Global Ações IE (18.085.924/0001-01)

A estratégia global de ações teve resultado positivo em setembro e acima do MSCI World ACWI, índice de referência da estratégia. Destaque positivo para seletividade da estratégia e negativo para desvalorização das ações e das moedas em relação ao Real. O mês foi marcado por um ambiente de maior cautela nos mercados globais, refletindo os riscos geopolíticos elevados, especialmente relacionados aos conflitos no Oriente Médio e seus potenciais impactos sobre os preços de energia, além de um cenário de inflação e juros ainda pressionados. Esse contexto manteve a volatilidade elevada e reduziu a visibilidade para os ativos de risco. Por outro lado, os setores de tecnologia e comunicação voltaram a se destacar, impulsionados pelo avanço contínuo dos temas ligados à inteligência artificial.

Empresas da cadeia de semicondutores e a Meta estiveram entre os principais destaques positivos do período. Diante desse cenário, mantivemos uma postura neutra em termos de alocação e risco ativo, preservando flexibilidade em um ambiente de alta volatilidade e baixa visibilidade.

Ibovespa Ações (indexado) (32.387.966/0001-10)

O Ibovespa registrou forte valorização em setembro, apoiado pela retomada do fluxo para ações brasileiras e pela rotação para ativos domésticos. A continuidade do ciclo de cortes da Selic favoreceu a reprecificação da renda variável, enquanto valuations atrativos ampliaram o interesse por empresas de maior liquidez. O movimento também refletiu a crescente influência do cenário eleitoral sobre os preços dos ativos locais.

Japão Ações (21.347.655/0001-00)

A estratégia Bradesco Japão teve retorno positivo em setembro. O principal destaque positivo foi a valorização do iene frente ao real, enquanto o desempenho das ações japonesas contribuiu negativamente para o resultado do período. O mês foi marcado por um ambiente de maior seletividade por parte dos investidores, em meio à continuidade do processo de normalização da política monetária pelo Banco do Japão, que elevou os juros e reforçou o compromisso com a estabilidade de preços. Apesar da pressão sobre o mercado acionário decorrente da expectativa de taxas de juros mais elevadas, a apreciação da moeda japonesa contribuiu para compensar parte desse movimento, refletindo a maior atratividade dos ativos denominados em iene e a percepção de fortalecimento dos fundamentos da economia japonesa.

Multigestores Balanceado (28.428.137/0001-60)

O Bradesco Multigestores Balanceado apresentou um retorno nominal positivo, mas abaixo de seu benchmark durante o mês. Setembro foi marcado pela abertura das curvas de juros globais, diante da resiliência da economia americana, inflação persistente e tensões geopolíticas com pressão sobre o petróleo. O Federal Reserve elevou os juros em 25bps, como esperado, e manteve um tom mais hawkish. No Brasil, o Ibovespa fechou em alta, beneficiado principalmente pela melhora na percepção eleitoral, mas piorando nas últimas semanas por conta do cenário externo e oscilações das pesquisas. O Copom reduziu a Selic em 25bps, para 13,75%. No mercado de crédito privado, os spreads apresentaram ligeira abertura de forma geral, mas sem eventos de crédito. Os fundos investidos apresentaram retornos positivos neste mês. O maior destaque entre os investidos em termos de performance foi o AZ Quest Top Long Biased Ações, enquanto o que menos contribuiu foi o fundo IB Oceana Long Biased Ações.

Sustentabilidade Empresarial (07.187.751/0001-08)

A estratégia Sustentabilidade Empresarial teve desempenho positivo e acima do Ibovespa em setembro. Os destaques positivos foram a nossa alocação nos setores de Bancos, Utilidades Públicas e Serviços Financeiros. Do lado negativo, prejudicaram o desempenho da estratégia as alocações em Consumo, Papel, Celulose & Madeira e Tecnologia, Mídia & Telecom. Aumentamos a exposição em Bens de Capital & Serviços, Utilidades Públicas e Bancos, reduzindo em Mineração & Siderurgia, Energia e Imobiliário. Nossas maiores alocações em termos absolutos estão em Bancos, Utilidades Públicas e Bens de Capital & Serviços.

DESEMPENHO DOS FUNDOS DE RENDA VARIÁVEL

Família Carteira Bradesco (44.302.283/0001-00)

Fundo em processo de encerramento - alocação 100% FEDERAL II - PL abaixo de R\$ 6 mm

Danúbio Juros e Moedas (42.878.589/0001-75)

Setembro foi um mês de forte valorização dos ativos brasileiros. No mercado doméstico, a combinação entre desaceleração gradual da economia e continuidade do ciclo de cortes da Selic levou ao fechamento expressivo da curva de juros reais e nominais, bem como a valorização do real frente ao dólar e alta do mercado acionário pautada pelo fluxo positivo de capital estrangeiro. A contrapartida foi o mercado global onde o ambiente permaneceu mais desafiador, marcado por juros elevados nas economias desenvolvidas, petróleo acima de US\$100 e postura mais cautelosa dos bancos centrais. Pela ótica da estratégia, a exposição direcional em juros reais, especialmente nos vértices curtos (de até 3 anos) trouxe resultados positivos a carteira, assim como o posicionamento em juros nominais intermediários.

Por outro lado, as posições no book de moedas foram detratoras, o mês foi muito volátil na percepção dos mercados globais: em um primeiro momento, o dólar perdeu forças frente às moedas dos países desenvolvidos, mais especificamente o iene, e ao passo que se consolidou o movimento de elevação de juros por parte da economia americana, o dólar ganhou forças frente a praticamente todas as moedas ao redor do mundo, com exceção ao real. Deste modo, a exposição ao mercado de moedas global trouxe o resultado consolidado no mês abaixo do CDI.

BRADESCO DEB. INCENTIVADAS CDI ATIVO (62.617.588/0001-84)

O Fundo de Debêntures Incentivadas CDI Ativo apresentou desempenho negativo no mês de setembro. Refletindo principalmente a abertura expressiva dos spreads de crédito no mês, a gestão ativa do risco de mercado, defendeu parte dos resultados no período. Setembro foi marcado por forte valorização dos ativos brasileiros. A combinação entre sinais de desaceleração gradual da atividade econômica, evolução favorável da inflação e continuidade do ciclo de cortes da taxa Selic contribuiu para um fechamento expressivo das curvas de juros reais e nominais. Nesse ambiente, observou-se também a apreciação do real frente ao dólar e o bom desempenho do mercado acionário local, beneficiado pelo fluxo positivo de capital estrangeiro.

No mercado doméstico, a principal contribuição para a rentabilidade da carteira veio das posições direcionais aplicadas em juros reais, especialmente nos vértices mais curtos da curva, e das posições em juros nominais intermediários. Ambas as estratégias se beneficiaram do avanço do processo de flexibilização monetária e da melhora das expectativas para a trajetória dos juros no Brasil. No segmento de infraestrutura, setembro foi marcado por um ambiente mais volátil e desempenho abaixo do CDI. Com um mercado secundário pressionado em momentos, fluxos vendedores condicionaram os spreads dos ativos a patamares mais elevados. Nesse contexto, entendemos que eventuais aberturas pontuais de spreads podem representar oportunidades atrativas de alocação, sobretudo em emissores com perfil de crédito sólido e fundamentos resilientes.

Diante de um mercado que segue seletivo e com maior incidência de eventos de crédito em alguns segmentos, mantemos disciplina na alocação, priorizando liquidez, preservação de capital e uma criteriosa avaliação da relação risco-retorno dos investimentos. Seguimos construtivos em ambas as frentes que a carteira opera, tanto nas estruturas de valor relativo em juros locais quanto o nível de carregamento dos ativos de crédito.

ESG Global (38.860.877/0001-25)

No mercado offshore, os spreads corporativos apresentaram pouca oscilação ao longo de setembro, mantendo comportamento relativamente estável apesar do ambiente de maior volatilidade. Em contrapartida, a curva de juros dos Estados Unidos voltou a registrar abertura relevante em praticamente todos os vértices, em movimento semelhante ao observado no mês anterior, o que pressionou o desempenho dos ativos de renda fixa e por consequência o resultado do fundo. Por outro lado, o CDS Brasil apresentou compressão ao longo do período, beneficiado pela melhora das expectativas em relação ao cenário eleitoral doméstico. Para os próximos meses, seguimos com uma visão cautelosa, uma vez que não identificamos gatilhos claros para uma compressão significativa dos spreads corporativos.

Embora a evolução do processo eleitoral possa representar um fator de suporte para os ativos brasileiros, entendemos que os efeitos da dinâmica local tendem a ser parcialmente ofuscados pelo comportamento das Treasuries americanas, que continuam sendo o principal direcionador dos mercados globais de renda fixa. O fundo que tem como objetivo alocar em empresas voltadas para o tema ESG, e que equilibra uma alocação em ativos locais, obteve desempenho em linha ao CDI no mês. Em setembro, o mercado de crédito privado apresentou, de forma geral, uma acomodação dos spreads e desempenho próximos às taxas de carregio do período, tanto em letras financeiras quanto em debêntures tradicionais.

Apesar de uma melhora marginal no volume de ofertas primárias, a captação permanece concentrada nos fundos mais conservadores, contribuindo para a manutenção dos spreads em níveis relativamente estáveis. Diante de um cenário macroeconômico mais desafiador e que demanda maior seletividade nas alocações, seguimos adotando uma postura cautelosa, reforçando a posição de caixa dos portfólios e priorizando emissores com fundamentos de crédito sólidos, buscando capturar oportunidades que ofereçam uma melhor relação entre risco e retorno.

Explorer Challenge (51.709.979/0001-02)

O Bradesco Explorer Challenge apresentou um retorno nominal positivo e acima de seu benchmark durante o mês. Setembro foi marcado pela abertura das curvas de juros globais, diante da resiliência da economia americana, inflação persistente e tensões geopolíticas com pressão sobre o petróleo. O Federal Reserve elevou os juros em 25bps, como esperado, e manteve um tom mais hawkish. No Brasil, o Ibovespa fechou em alta, beneficiado principalmente pela melhora na percepção eleitoral, mas piorando nas últimas semanas por conta do cenário externo e oscilações das pesquisas. O Copom reduziu a Selic em 25bps, para 13,75%. No mercado de crédito privado, os spreads apresentaram ligeira abertura de forma geral, mas sem eventos de crédito. Os fundos investidos apresentaram retornos positivos neste mês. O maior destaque entre os investidos em termos de performance foi o Ibiuna LS IB Ações, enquanto o que menos contribuiu foi o fundo Sharp Estratégia STB MM.

Família Alocação (01.606.543/0001-10)

Setembro foi marcado por forte valorização dos ativos brasileiros. A combinação entre sinais de desaceleração gradual da atividade econômica, evolução favorável da inflação e continuidade do ciclo de cortes da taxa Selic contribuiu para um fechamento expressivo das curvas de juros reais e nominais. Nesse ambiente, observou-se também a apreciação do real frente ao dólar e o bom desempenho do mercado acionário local, beneficiado pelo fluxo positivo de capital estrangeiro. No cenário internacional, o ambiente permaneceu mais desafiador. A manutenção de juros elevados nas economias desenvolvidas, o petróleo negociando acima de US\$ 100 por barril e a postura cautelosa dos principais bancos centrais continuaram sendo fatores relevantes para a dinâmica dos mercados globais.

Apesar desse contexto, os temas ligados à inteligência artificial e à infraestrutura tecnológica seguiram sustentando a liderança do setor de tecnologia, que permaneceu entre os principais destaques positivos dos mercados acionários globais. No mercado doméstico, a principal contribuição para a rentabilidade da carteira veio das posições direcionais aplicadas em juros reais, especialmente nos vértices mais curtos da curva, e das posições em juros nominais intermediários. Ambas as estratégias se beneficiaram do avanço do processo de flexibilização monetária e da melhora das expectativas para a trajetória dos juros no Brasil. Ainda no contexto doméstico, a exposição ao mercado acionário também contribuiu positivamente aos resultados da carteira.

Por outro lado, as alocações internacionais consumiram parte do resultado da carteira, a consolidação da percepção de juros mais elevados nos Estados Unidos e nas economias desenvolvidas pressionou as taxas de juros globais e as moedas, bem como o mercado acionário, que apresentou desempenho negativo no período. Dessa forma, a carteira encerrou setembro com rentabilidade superior ao CDI. Apesar do impacto negativo proveniente das estratégias globais, os ganhos auferidos nas posições de juros domésticos e nas exposições ao mercado acionário local mais do que compensaram essas perdas, reforçando a importância da diversificação das fontes de retorno e da gestão ativa na construção dos resultados do fundo.

Multigestores Max (32.743.384/0001-29)

O Bradesco Multigestores Max apresentou um retorno nominal positivo e acima de seu benchmark durante o mês. Setembro foi marcado pela abertura das curvas de juros globais, diante da resiliência da economia americana, inflação persistente e tensões geopolíticas com pressão sobre o petróleo. O Federal Reserve elevou os juros em 25bps, como esperado, e manteve um tom mais hawkish. No Brasil, o Ibovespa fechou em alta, beneficiado principalmente pela melhora na percepção eleitoral, mas piorando nas últimas semanas por conta do cenário externo e oscilações das pesquisas. O Copom reduziu a Selic em 25bps, para 13,75%. No mercado de crédito privado, os spreads apresentaram ligeira abertura de forma geral, mas sem eventos de crédito. Os fundos investidos apresentaram retornos mistos neste mês. O maior destaque entre os investidos foi o Bradesco Multigestores Plus.

Multigestores Multimercado (07.667.620/0001-28)

O Bradesco Multigestores Multimercado apresentou um retorno nominal positivo e acima de seu benchmark durante o mês. Setembro foi marcado pela abertura das curvas de juros globais, diante da resiliência da economia americana, inflação persistente e tensões geopolíticas com pressão sobre o petróleo. O Federal Reserve elevou os juros em 25bps, como esperado, e manteve um tom mais hawkish. No Brasil, o Ibovespa fechou em alta, beneficiado principalmente pela melhora na percepção eleitoral, mas piorando nas últimas semanas por conta do cenário externo e oscilações das pesquisas. O Copom reduziu a Selic em 25bps, para 13,75%. No mercado de crédito privado, os spreads apresentaram ligeira abertura de forma geral, mas sem eventos de crédito. Os fundos investidos apresentaram retornos positivos neste mês. O maior destaque entre os investidos em termos de performance foi o Bradesco Equity Hedge, enquanto o que menos contribuiu foi o fundo AZ Quest Multimanager BBDC MM.

Multigestores Plus (28.428.129/0001-14)

O Bradesco Multigestores Plus apresentou um retorno nominal positivo e acima de seu benchmark durante o mês. Setembro foi marcado pela abertura das curvas de juros globais, diante da resiliência da economia americana, inflação persistente e tensões geopolíticas com pressão sobre o petróleo. O Federal Reserve elevou os juros em 25bps, como esperado, e manteve um tom mais hawkish. No Brasil, o Ibovespa fechou em alta, beneficiado principalmente pela melhora na percepção eleitoral, mas piorando nas últimas semanas por conta do cenário externo e oscilações das pesquisas. O Copom reduziu a Selic em 25bps, para 13,75%. No mercado de crédito privado, os spreads apresentaram ligeira abertura de forma geral, mas sem eventos de crédito. Os fundos investidos apresentaram retornos positivos neste mês. O maior destaque entre os investidos em termos de performance foi o Ibiuna Long Short B FIC MM, enquanto o que menos contribuiu foi o fundo Absolute Estratégia Vertex FIC FIM.

Ômega Multimercado (35.847.960/0001-76)

Setembro foi marcado por forte valorização dos ativos brasileiros. A combinação entre sinais de desaceleração gradual da atividade econômica, evolução favorável da inflação e continuidade do ciclo de cortes da taxa Selic contribuiu para um fechamento expressivo das curvas de juros reais e nominais. Nesse ambiente, observou-se também a apreciação do real frente ao dólar e o bom desempenho do mercado acionário local, beneficiado pelo fluxo positivo de capital estrangeiro. No cenário internacional, o ambiente permaneceu mais desafiador. A manutenção de juros elevados nas economias desenvolvidas, o petróleo negociando acima de US\$ 100 por barril e a postura cautelosa dos principais bancos centrais continuaram sendo fatores relevantes para a dinâmica dos mercados globais.

Apesar desse contexto, os temas ligados à inteligência artificial e à infraestrutura tecnológica seguiram sustentando a liderança do setor de tecnologia, que permaneceu entre os principais destaques positivos dos mercados acionários globais. No mercado doméstico, a principal contribuição para a rentabilidade da carteira veio das posições direcionais aplicadas em juros reais, especialmente nos vértices mais curtos da curva, e das posições em juros nominais intermediários. Ambas as estratégias se beneficiaram do avanço do processo de flexibilização monetária e da melhora das expectativas para a trajetória dos juros no Brasil. Já o book de moedas apresentou contribuição negativa no período. O mês foi marcado por elevada volatilidade nos mercados cambiais globais, refletindo alterações nas expectativas em relação à política monetária americana.

Em um primeiro momento, o enfraquecimento do dólar frente a algumas moedas desenvolvidas, em especial o iene japonês, predominou. Posteriormente, a consolidação da percepção de juros mais elevados nos Estados Unidos fortaleceu novamente a moeda americana perante a maior parte das moedas globais, gerando impactos adversos para parte das posições da estratégia. Nas alocações internacionais, seguimos privilegiando operações de valor relativo. As posições compradas em ativos ligados à infraestrutura de inteligência artificial e tecnologia, combinadas com exposições vendidas em setores mais sensíveis ao ciclo econômico, como o automotivo e o aéreo, contribuíram positivamente para o resultado.

Adicionalmente, posições associadas à abertura das taxas de juros americanas, tanto em títulos soberanos quanto no mercado corporativo, também apresentaram desempenho favorável ao longo do mês. Dessa forma, a carteira encerrou setembro com rentabilidade superior ao CDI. Apesar do impacto negativo proveniente das estratégias cambiais, os ganhos auferidos nas posições de juros domésticos e nas operações de valor relativo em mercados internacionais mais do que compensaram essas perdas, reforçando a importância da diversificação das fontes de retorno e da gestão ativa na construção dos resultados do fundo.

Ouro (37.235.748/0001-83)

O ouro convertido para reais recuou em setembro, refletindo principalmente a correção do metal no mercado internacional. A relativa estabilidade do dólar frente ao real teve efeito limitado sobre o resultado em moeda local. O movimento ocorreu em um ambiente de alta dos rendimentos dos Treasuries e reprecificação de uma postura mais restritiva do Federal Reserve, fatores que elevaram o custo de oportunidade de manutenção do ativo.

DESEMPENHO DOS FUNDOS CAMBIAIS

Cambial Dólar H (02.294.024/0001-26)

O dólar encerrou setembro próximo da estabilidade frente ao real, após oscilar ao longo do mês. No exterior, a elevação dos juros americanos e a alta do petróleo ofereceram suporte à moeda, enquanto, no ambiente doméstico, o diferencial de juros e a melhora do fluxo para a bolsa favoreceram o real. A crescente influência do cenário eleitoral sobre os preços manteve a volatilidade elevada, sem produzir uma tendência direcional consistente no fechamento do período.

RETORNO DOS DIVERSOS ÍNDICES DE MERCADO

Setembro	2026	2025	2024	2023	2022	2021	2020	2019	2018	2017	ACUM. a.a.
Ibovespa	Ibovespa	Ouro	OURO	S&P 500	IHFA	S&P 500	OURO	IBX	DÓLAR	IBX	S&P 500
5,03%	15,65%	46,65%	59,64%	24,23%	13,57%	26,89%	55,93%	33,39%	17,13%	27,55%	242,43% 13,15%
IBX	IBX	Ibovespa	DÓLAR	Ibovespa	IMA-S	DÓLAR	DÓLAR	Ibovespa	OURO	Ibovespa	IBX
4,86%	15,50%	33,95%	27,91%	22,28%	12,74%	7,39%	28,93%	31,58%	16,93%	26,86%	218,48% 12,33%
IMA-B	S&P 500	IBX	S&P 500	IBX	CDI	IMA-S	S&P 500	S&P 500	IBX	S&P 500	Ibovespa
3,15%	11,78%	33,45%	23,31%	21,27%	12,39%	4,67%	16,26%	28,88%	15,42%	19,42%	210,82% 12,05%
IRF-M	IMA-S	IRF-M	IMA-S	IRF-M	IRF-M	OURO	IRF-M	OURO	Ibovespa	IRF-M	Ouro
2,09%	10,62%	18,22%	11,11%	16,51%	8,82%	4,43%	6,69%	28,10%	15,03%	15,20%	188,72% 11,23%
IHFA	CDI	S&P 500	CDI	IMA-B	IMA-B	CDI	IMA-B	IMA-B	IMA-B	OURO	IRF-M
1,94%	10,51%	16,39%	10,83%	16,05%	6,37%	4,42%	6,41%	22,95%	13,06%	13,89%	149,02% 9,59%
CDI	IMA-B	IHFA	IHFA	IMA-S	Ibovespa	IHFA	IHFA	IRF-M	IRF-M	IMA-B	IMA-B
1,08%	10,11%	15,09%	5,65%	13,25%	4,69%	1,79%	5,27%	12,03%	10,73%	12,79%	146,88% 9,49%
IMA-S	IRF-M	IMA-S	IRF-M	CDI	IBX	IMA-B	IBX	IHFA	IHFA	IHFA	IMA-S
1,06%	9,29%	14,55%	1,86%	12,99%	4,02%	-1,26%	3,50%	11,12%	7,09%	12,41%	139,51% 9,16%
DÓLAR	IHFA	CDI	IMA-B	IHFA	DÓLAR	IRF-M	Ibovespa	IMA-S	CDI	IMA-S	CDI
-0,01%	6,76%	14,32%	-2,44%	9,27%	-6,50%	-1,99%	2,92%	5,99%	6,42%	10,16%	136,83% 9,04%
S&P 500	DÓLAR	IMA-B	IBX	OURO	OURO	IBX	CDI	CDI	IMA-S	CDI	IHFA
-0,45%	-5,84%	13,17%	-9,71%	-5,96%	-8,48%	-11,17%	2,76%	5,96%	6,42%	9,93%	133,00% 8,86%
OURO	Ouro	DÓLAR	Ibovespa	DÓLAR	S&P 500	Ibovespa	IMA-S	DÓLAR	S&P 500	DÓLAR	DÓLAR
-7,09%	-10,05%	-11,14%	-10,36%	-7,21%	-19,44%	-11,93%	2,39%	4,02%	-6,24%	1,50%	59,80% 4,82%

MÍDIAS SOCIAIS

Quer acompanhar a indústria de fundos e ficar por dentro das novidades?



YouTube

Bradesco Asset Management



Instagram

@bradesco.asset



LinkedIn

Bradesco Asset Management



Site

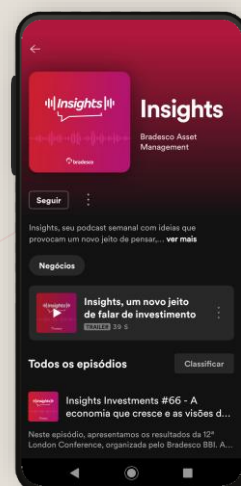
bram.bradesco



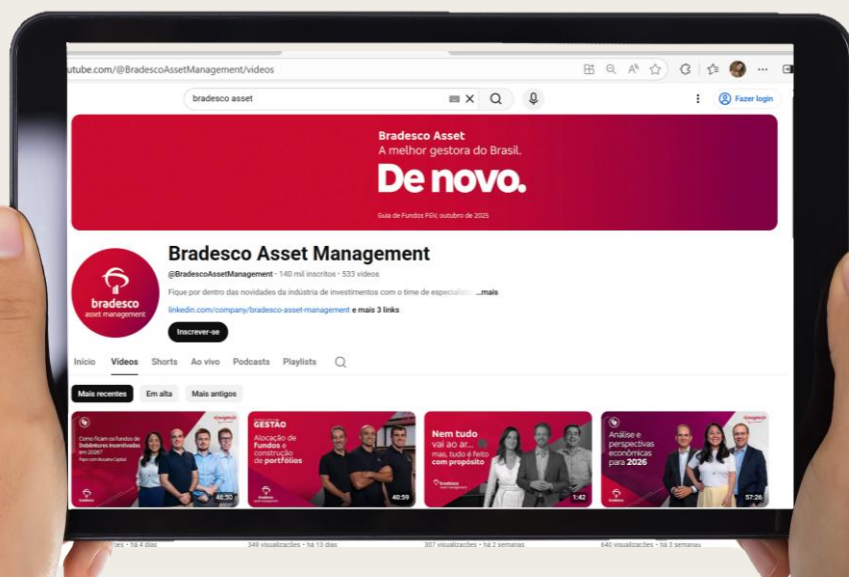
Ouçá nossos gestores e analistas no

Podcast Insights

no **Spotify** ou na plataforma de sua preferência



Toda semana, trazemos assuntos em alta com análises econômicas e amplo conteúdo de fundos.



INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Material de divulgação produzido pela Bradesco Asset Management, departamento de gestão de recursos do Banco Bradesco S.A. Todas as opiniões, estimativas e projeções que constam do presente material traduzem nosso julgamento no momento da sua elaboração e podem ser modificadas a qualquer momento e sem aviso prévio, a exclusivo critério do Bradesco e sem nenhum ônus e/ou responsabilidade para este. O Bradesco não será responsável, ainda, por quaisquer perdas diretas, indiretas ou quaisquer tipos de prejuízos e/ou lucros cessantes que possam ser decorrentes do uso deste conteúdo. Qualquer decisão de contratar a estrutura aqui apresentada deve ser baseada exclusivamente em análise do cliente, sendo exclusivamente do cliente a responsabilidade por tal decisão. Nenhuma suposição, projeção ou exemplificação constante deste material deve ser considerada como garantia de eventos futuros, rentabilidade e/ou de "performance". Este documento não constitui e nem deve ser interpretado como sendo solicitação de compra ou venda, oferta, convite, análise de valor mobiliário, recomendação de qualquer ativo financeiro ou investimento, contratação da estrutura ou qualquer obrigação por parte do Bradesco, de qualquer forma e em qualquer nível. O conteúdo deste material foi elaborado com base em informações públicas, e o Bradesco não assegura e/ou garante, seja de forma expressa ou implícita, sobre a integridade, confiabilidade ou exatidão dessas informações. Os instrumentos financeiros discutidos neste material estão sujeitos a riscos de mercado, liquidez e risco de crédito do emissor, e podem não ser adequados para todos os investidores. Este material não leva em consideração os objetivos de investimento, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer investidor. Os clientes interessados em investir nas estratégias aqui apresentadas devem procurar aconselhamento financeiro conforme seus interesses, antes de tomar qualquer decisão de investimento, sendo de sua exclusiva responsabilidade a decisão de investimento. Este conteúdo se destina ao uso exclusivo do destinatário, e não pode ser reproduzido, copiado, alterado, total ou parcialmente, ou distribuído a qualquer pessoa sem o prévio consentimento por escrito da Bradesco Asset Management. Os comentários de gestão dos fundos de investimento espelho não foram produzidos pela Bradesco Asset Management e sim enviado pelos gestores terceiros. Os investimentos em fundos não são garantidos pelo administrador, pelo gestor, por qualquer mecanismo de seguro ou pelo Fundo Garantidor de Crédito - FGC. ANTES DE INVESTIR, LEIA A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS, SE HOUVER, ASSIM COMO O REGULAMENTO, ANEXO-CLASSE E APÊNDICE SUBCLASSE, CONFORME O CASO. Os documentos podem ser encontrados no site da CVM por meio de consulta pelo CNPJ do Fundo.

O Fundo não aceita aporte diretamente. No PGBL há incidência de Imposto de Renda ("IR") sobre o montante total do resgate, de acordo com o modelo de tributação escolhido (progressiva ou regressiva), sendo passível de dedução na base de cálculo de até 12% dos rendimentos tributáveis para Pessoa Física que seja contribuinte do INSS e que faça a declaração pelo modelo completo de IR. No VGBL há incidência de Imposto de Renda ("IR") sobre os rendimentos, de acordo com o modelo de tributação escolhido (progressiva ou regressiva) no momento do resgate. Os beneficiários de aposentadoria ou pensão dos regimes mencionados ficam dispensados da regra de recolhimento de contribuição no regime geral ou próprio de previdência social para fins de dedução das contribuições no PGBL. Consulte o regulamento do Plano de Previdência e/ou Plano VGBL para mais informações.

Bradesco Vida e Previdência S.A. - CNPJ 51.990.695/0001-37 - Avenida Alphaville, 779 - Empresarial 18 do Forte - Barueri/SP - CEP 06472-900. A aprovação do plano pela SUSEP não implica, por parte da autarquia, incentivo ou recomendação a sua comercialização. De acordo com a Lei nº 14.803/2024, o participante tem a opção de escolher o regime tributário no momento do primeiro resgate ou do recebimento do benefício. Informamos os tributos incidentes sobre prêmios ao seguro de vida com cobertura por sobrevivência: PIS, 0,65% (*); COFINS, 4,00% (*); IOF, entre 0% e 7,38% (*). Tributos sobre as contribuições de previdência privada e FAPI: PIS, 0,65% (*); COFINS, 4,00% (*). Tributos sobre a taxa de administração: PIS, 0,65% (*); COFINS, 4,00% (*); ISS, de 2% a 5% (*).

(*) Apurados e recolhidos nos termos da legislação aplicável. O regulamento poderá ser consultado no portal da SUSEP, na rede mundial de computadores. Os direitos e as obrigações das partes estão definidos na proposta e no regulamento do plano contratado.

Para saber mais sobre esse e outros fundos, acesse app

Bradesco > Investimentos > Investir > Fundos de Investimento e busque pelo nome.

Se preferir, consulte seu gerente de relacionamento ou fale com nossos especialistas de investimentos:

Por telefone

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022 | **SAC – Alô Bradesco:** 0800 704 8383 | **SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala:** 0800 722 0099 | Ouvidoria: 0800 727 9933. **Assessoria de Investimentos:** Capitais e regiões metropolitanas: 4020 1414 | Demais localidades: 0800 704 1414 – Em dias úteis, das 8h às 19h – horário de Brasília.

